

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO**

DOMINIQUE PRATA DE OLIVEIRA SANTANA

NOVA PARAISÓPOLIS - A MOEDA QUE QUEBRA BARREIRAS
RELATÓRIO DE REALIZAÇÃO DE DOCUMENTÁRIO SOBRE A MOEDA
COMUNITÁRIA DE PARAISÓPOLIS

**São Paulo
2019**

DOMINIQUE PRATA DE OLIVEIRA SANTANA

NOVA PARAISÓPOLIS - A MOEDA QUE QUEBRA BARREIRAS

RELATÓRIO DE REALIZAÇÃO DE DOCUMENTÁRIO SOBRE A MOEDA
COMUNITÁRIA DE PARAISÓPOLIS

Relatório de Realização do Produto apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie como parte dos requisitos à obtenção do título de Jornalista, sob a orientação do Prof. Hugo Harris.

São Paulo

2019

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

<https://youtu.be/UOyVUHwgg9k>

Data de upload - 11/11/2019

AGRADECIMENTOS

Meu muito obrigada, antes de tudo, aos meus pais, Luiz e Mônica, que me deram a oportunidade de fazer o curso que escolhi, além de sempre apoiarem minhas decisões e escolhas. Ao meu tio Eduardo que foi peça fundamental na idealização e realização do trabalho. Obrigada Marquinhos e Renata pelo acolhimento, acompanhamento e suporte com tudo que precisei em Paraisópolis. Agradeço a cada uma das pessoas que entrevistei pela colaboração e por confiarem no meu trabalho. Às minhas amigas Nana, Maria Clara e Esther por me acompanharem em algumas das minhas idas a Paraisópolis e pela ajuda com as gravações. E ao meu professor orientador Hugo Harris que, desde o início, abraçou meu projeto, me forneceu todo o apoio necessário e dividiu comigo os sucessos e dificuldades deste documentário.

RESUMO

Paraisópolis, a maior favela de São Paulo, iniciou recentemente um projeto de moeda comunitária. Nesse processo, a primeira etapa que se realizou e já funciona há três anos na comunidade é o cartão de crédito Nova Paraisópolis. A ideia surgiu para agregar no planejamento do presidente da Associação dos Moradores de criar um novo olhar sobre a favela e a tornar sustentável. Dessa forma, a ideia é que economia circule em maior volume na comunidade e crie um círculo virtuoso, uma vez que também favorece os projetos sociais e faz com que o capital retorne. Dito isso, o intuito deste trabalho de conclusão de curso foi entender e expor o impacto social que essa moeda já tem feito em Paraisópolis. Para que isso fosse possível, foi necessário entrevistar idealizador do projeto, pessoas que utilizam e foram afetadas de alguma forma, como os comerciantes, moradores da favela e coordenadores dos projetos sociais, e a representante da empresa Mais Fácil, que sistematiza e delibera o cartão Nova Paraisópolis. Além disso, alguns autores como Bill Nichols, Guy Gauthier, Claudine France, Patricio Guzmán, Marcius Freire e Marusa Vasconcelos Freire fundamentaram a realização e idealização do trabalho. Este documentário conta com essas entrevistas e imagens que dialogam entre si cumprindo o principal objetivo de apresentar o cartão, sua funcionalidade e impacto na favela.

PALAVRAS-CHAVE

Paraisópolis; moeda; comunidade; impacto social; documentário; jornalismo.

ABSTRACT

Paraisópolis, the largest favela in São Paulo, recently started a community currency project. In this process, the first step that has been carried out and has been active for three years in the community is the Nova Paraisópolis credit card. The idea came to add to the planning of the Residents Association's president to create a new point of view at the favela and make it sustainable. Thus, the idea is that the economy circles in a greater volume in the community and creates a virtuous circle, as it also favors social projects and makes capital return. That said, the purpose of this paper was to understand and expose the social impact already made by the currency in Paraisópolis. To make this possible, it was necessary to interview the project's creator, people who use and were affected in some way, such as merchants, slum dwellers and social project coordinators, as well as the company representative of Mais Fácil, which systematizes and deliberates the card, Nova Paraisópolis. In addition, some authors such as Bill Nichols, Guy Gauthier, Claudine France, Patricio Guzmán, Marcius Freire and Marusa Vasconcelos Freire substantiated the realization and idealization of the work. This documentary features these interviews and images that dialogue with each other fulfilling the main purpose of presenting the card, its functionality and impact on the favela.

KEYWORDS

Paraisópolis; currency; community; social impact; documentary; journalism.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Referencial teórico.....	12
1.1 Moedas comunitárias.....	12
1.1.1 Paraisópolis.....	13
1.2 Documentário.....	13
1.2.1 Documentário expositivo e outros modelos.....	14
1.2.2 Documentário etnográfico.....	15
1.3 Jornalismo humanizado.....	16
2. Desenvolvimento da peça.....	16
2.1 Estilo e linguagem da peça.....	16
2.2 Fontes.....	18
2.3 Equipe.....	19
Considerações finais.....	19
Referencial Bibliográfico.....	22
Apêndice I - Autorizações de imagem.....	25

INTRODUÇÃO

Este relatório descreve a realização de um documentário sobre o impacto social da moeda comunitária de Paraisópolis.

As moedas são utilizadas por comunidades e grupos sociais de baixa renda com o objetivo de potencializar a economia local e, conseqüentemente, beneficiar a população. Isso é baseado no princípio da Economia Solidária que promove desenvolvimento nesses territórios com diversas iniciativas. A implantação de uma moeda local é um exemplo delas.

No Brasil existe mais de 103 moedas sociais. A primeira foi a Palma, vinculada ao primeiro Banco Comunitário Palmas, localizado na periferia de Fortaleza, no Ceará. Em 1998, a comunidade Conjunto Palmeira criou um sistema econômico como uma forma de protecionismo e a ideia partiu da associação de moradores. Em geral, as moedas têm o mesmo valor do real e são associadas a estes bancos comunitários que imprimem e as colocam em circulação.

Recentemente, Paraisópolis, a maior favela de São Paulo e conhecida pelas grandes disparidades sociais com a região, adotou o projeto de uma moeda própria. A comunidade vizinha ao luxuoso bairro do Morumbi batizou seu cartão de crédito e sua futura moeda de Nova Paraisópolis e também abrirá o Banco de Paraisópolis, com agências bancárias espalhadas pela comunidade. Isso permitiu que a população tivesse a oportunidade de possuir cartão de crédito, débito, realizar empréstimos e uma rotatividade muito maior no comércio.

Com base nas informações anteriores, a pergunta problema que norteou a peça foi: Um documentário é capaz de refletir a realidade e o impacto social na comunidade de Paraisópolis depois da instituição da moeda social?

O trabalho teve como objetivos principais:

- Analisar as falhas e os avanços pós-implantação da moeda;
- Focar mais na questão social do que econômica com o propósito de realçar isso em todos os âmbitos da linguagem;

Para que isso acontecesse foram necessárias algumas ações específicas como objetivos secundários, tais como:

- Entrevistar moradores e comerciantes da região;
- Estudar a comunidade;
- Realizar uma pesquisa de campo e imersão na cultura da comunidade;
- Contatar a Associação de moradores de Paraisópolis;

- Entrevistar economistas especializados em moedas sociais;
- Estudar casos de comunidades que implantaram esse modelo de economia há anos, como a de Palmas;
- Estudar e analisar o processo de fabricação e distribuição da moeda na comunidade;
- Estudar pesquisadores e suas teorias sobre o assunto, como por exemplo, o ganhador do Nobel da Paz de 2006, um economista indiano;
- Estudar os diferentes formatos de documentário;
- Assistir peças de audiovisual que tratam de comunidades para entender a linguagem usada para falar sobre esse assunto.

Como as moedas se restringem às comunidades, poucas pessoas que não vivem ali sabem sobre a existência delas, tampouco sobre sua importância. Além disso, é uma forma interessante de tentar transformar uma realidade que já foi utilizada em muitos outros lugares, inclusive fora do Brasil, como nos Estados Unidos e no Canadá.

Focar em Paraisópolis como objeto de estudo tem uma vertente interessante que favorece a pesquisa. Como a implantação é muito recente, as mudanças sociais e a adaptação da comunidade estão muito evidentes. A maior favela de São Paulo, com aproximadamente 43 mil habitantes, segundo o censo de 2010 (IBGE), tem um valor simbólico muito expressivo. Nos últimos anos ficou ainda mais famosa depois de ser tema e cenário da novela da Rede Globo "I love Paraisópolis" e vem passando por um processo de urbanização constante. A região ficou inclusive mais cara para se morar, razão para os moradores reivindicarem melhorias. Talvez a Nova Paraisópolis seja uma estratégia para essa finalidade.

Enquanto jornalista, vejo a relevância de uma mudança e implantação como essa dentro de uma comunidade, principalmente por serem indivíduos de uma parcela minorizada sociedade. Por mais que a dramaturgia tenha valorizado a favela, os déficits do cotidiano e da qualidade de vida dos moradores continuam presentes e reais e essas mudanças e implantações trazem consigo esperança para esses cidadãos.

Ademais, este trabalho englobou a esfera social, por isso muito do meu interesse pessoal também está retratado nele. O que sempre me deixou fascinada no jornalismo foi como é possível fazer parte e, no mínimo, tentar mostrar a realidade,

chegar o mais próximo dela. A profissão coloca em nossas mãos o dever que dar acesso a conteúdos, situações e experiências e fazer o intermédio de realidades completamente diferentes.

Para realizar um documentário sobre a moeda comunitária de Paraisópolis foi necessário, em âmbito teórico, a leitura de livros que esclarecessem a relação da peça e do tema, como as obras de Marcius Freire e Patricio Guzmán, artigos de estudos de universidades que explicitam o conceito de moeda social e reportagens sobre a implantação da Nova Paraisópolis. Além de análise de documentários não só sobre o assunto, mas principalmente para estudar e observar a linguagem e como a semiótica é exposta neles.

Já para a prática, entrevistei a Gisele, uma das primeiras moradoras de Paraisópolis que adquiriu o cartão. Ela conta um pouco sobre as compras que realizou com o Nova Paraisópolis e o porquê da importância na sua vida e na comunidade. Mostrei alguns comércios parceiros que oferecem descontos nas compras com o cartão, como supermercados, loja de móveis e farmácias. Quanto ao especialista, conversei com a representante da Mais Fácil, empresa que auxiliou na implantação do benefício. A Julia forneceu informações sobre a parte técnica e detalhes da implantação. Já o Gilson, presidente da associação de moradores, contextualizou o projeto e os objetivos que já foram alcançados e que ainda querem alcançar.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 MOEDAS COMUNITÁRIAS

De acordo com Rigo (2014), a realidade socioeconômica brasileira é muito desigual. Os efeitos negativos causados por isso levam as comunidades e os grupos afetados a criação de diversas formas de reverter ou, ao menos, melhorar essa situação para que seja mais justa. O conceito de economia igualitária engloba e tem como objetivo converter cenários como esses com o auxílio de projetos governamentais ou não governamentais.

Ainda conforme, no Brasil, os Bancos Comunitários de Desenvolvimento fazem parte das práticas da economia solidária que visam a melhoria de vida de população de determinados territórios. Eles criam moedas sociais que circulam apenas dentro da comunidade com a finalidade de favorecer a economia da região.

Essas moedas sociais são os mecanismos mais estratégicos e emblemáticos da sua ação; desempenham papel econômico ao estimularem o consumo no território e a circulação interna da riqueza, mas desempenham também papel político e identitário. O uso da moeda social no território envolve a noção de apropriação cidadã da moeda, da história e da identidade do lugar. (RIGO, 2014, p.16-7)

João Joaquim de Melo Neto Segundo, coordenador do primeiro Banco Comunitário do Brasil - Instituto Palmas - levanta a questão da popularização da iniciativa. Ele acredita que a questão econômica, mesmo que focada na exclusão bancária, é algo muito distante dos movimentos sociais, uma vez que economia é visto como algo elitizado por ser difícil e quase nunca abordado em organizações populares.

Por isso, a prioridade da Rede Brasileira de Bancos Comunitários é a criação de um marco legal semelhante no Brasil. Um passo importante para isso é o já citado projeto de Lei Complementar nº 93/2007, da deputada federal Luiza Erundina, em tramitação no Congresso Nacional. O texto estabelece a criação do Segmento Nacional de Finanças Populares e Solidárias. (SEGUNDO, 2009)

Ainda acrescenta que, com a aprovação dessa lei, será mais uma conquista para a inclusão dessa parcela da população que não tem acesso a bancos oficiais e avanço para a democratização do sistema financeiro.

1.1.1. PARAISÓPOLIS

Paraisópolis é uma das maiores favelas de São Paulo com aproximadamente 90 mil moradores em uma área total de 800 metros quadrados (IBGE, 2010). A comunidade tem uma série de motivos para ter se tornado uma "metrópole" inserida na cidade de São Paulo e com um valor significativo tão grande.

Paraisópolis nasceu nos anos 20 de um loteamento de 2 200 pequenos terrenos. Chamado de Fazenda do Morumbi, o local permaneceu desocupado por mais de duas décadas, até ser invadido por migrantes nordestinos, atraídos pela promessa de emprego na construção civil. Em 1970, 20 000 pessoas já ocupavam o espaço irregularmente. (VEJA, 2017)

Grande parte dos moradores de Paraisópolis tinham seu trabalho garantido nos bairros vizinhos de alto padrão, como o Morumbi, então não havia motivo para saírem da região. Essa relação foi retratada, inclusive, na novela "I love Paraisópolis" da Rede Globo, em 2015, com a história de uma garota da periferia e de um empresário do bairro nobre.

A partir disso, toda a grandeza que a favela já possuía, com seus empreendimentos próprios ficaram cada vez mais visados e o valor dos loteamentos mais caros devido a procura (VEJA, 2017). Porém, a glamourização não fez com que todos os problemas de estrutura da comunidade desaparecessem. O déficit na mobilidade e no saneamento básico, por exemplo, ainda são grandes problemas que os moradores têm que enfrentar todos os dias.

Por isso, no início de 2018, a associação de moradores de Paraisópolis decidiu implantar a Nova Paraisópolis, moeda social da região que é uma estratégia da economia solidária para aquecer a economia local, como dito acima.

1.2 DOCUMENTÁRIO

Documentário, segundo a designação de Bill Nichols (2008) é algo que não tem definição certa, um "conceito vago". Argumenta que não existe técnica ou forma correta que deva ser seguida para que o produto seja realizado, é mutável. Cada um deles são muito diferentes entre si, mas é possível categorizá-los facilmente como documentários.

Mais do que proclamar uma definição que estabeleça de uma vez por todas o que é e o que não é documentário, precisamos examinar os modelos e os protótipos, os casos exemplares e as inovações, como sinais dessa imensa arena em que atua e evolui o documentário. A imprecisão da definição resulta [...] do fato de que, em nenhum momento, uma definição abarca todos os filmes que poderíamos considerar documentários. (NICHOLS, 2008, p. 48)

Gauthier (2011) discute a diferença entre cinema documentário e cinema romanesco. Em sua reflexão, ele procura anular questões como a ficção, porque pode ser abordada em ambos, e realidade, por ser um objeto de discussão interminável. Porém, quando começa a discorrer sobre a definição, cita a verdade como principal forma de distinção. Ousa dizer que os filmes romanescos fazem tanto sucesso por serem falsos processos criados pela imaginação de um roteirista. E que os documentários são feitos com fatos cuidadosamente verificados, com roteiros escritos por alguém que busca a verdade.

Um documentário é uma pesquisa, de algum modo uma investigação, e, por isso, tudo é questão de método. Se a temática é vasta demais para que possa ter a ambição de se chegar na Verdade, que só pode ser parcelar, cabe ao cineasta demonstrar que ele não trapaceia em sua convicção. (GAUTHIER, 2011, p. 120)

Lins e Mesquita (2011) relatam sobre a função e a disfunção do documentário e sua transformação nos anos 60. Ligada ao Cinema Novo, a representatividade atraiu o olhar dos cineastas desse tempo. Filmes que abordam, pela primeira vez na história do documentário brasileiro, as experiências e dificuldades das classes sociais de acordo com os mais diferentes recortes e abordagens.

A "voz do povo" faz-se portanto presente, mas ela não é ainda o elemento central, sendo mobilizada sobretudo na obtenção de informações de informações que apoiam os documentaristas na estruturação de um argumento sobre a situação real focalizada. (LINS; MESQUITA, 2011, p. 21)

1.2.1 DOCUMENTÁRIO EXPOSITIVO E OUTROS MODELOS

O documentário, por mais que seja complicado de definir, possui diversas ramificações que se diferenciam, mas não precisam ser usadas separadamente. Nichols (2008) as nomeia de subgêneros do documentário, que são o expositivo, o poético, o participativo, o observativo, o performático e o reflexivo. Também pode ser traduzido e representado como a voz do documentário, ou seja, a assinatura.

Esses seis modos determinam uma estrutura de afiliação frouxa, na qual os indivíduos trabalham [...]. Cada modo compreende exemplos que podemos identificar como protótipos ou modelos: eles parecem expressar de maneira exemplar as características mais peculiares de cada modo. (p. 135)

O expositivo, por exemplo, subgênero que vai se sobressair neste projeto, tem traços de um documentário mais informativo, que se dirige diretamente ao telespectador. Porém, como "a definição de um filme com um certo modo não precisa

ser total" (NICHOLS, 2008), mas sim híbrido, também será utilizado bases do participativo e do poético para atingir a meta da abordagem.

1.2.2 DOCUMENTÁRIO ETNOGRÁFICO

O documentário etnográfico ou de caráter antropológico tem como essência mostrar o homem e suas diferentes culturas, como a grafia já sugere. Segundo Patrícia Monte-Mór (2004), o cinema e a antropologia tem uma história juntos desde suas primeiras experimentações, no século XIX nos registros de encontros entre povos e culturas, até os dias de hoje.

A etnografia e a observação participante foram tradicionalmente usadas na antropologia como método de descrever e observar as sociedades pesquisadas, inicialmente espacial e culturalmente distantes do pesquisador, mas que, a partir dos anos de 1950, incorporam temas e grupos sociais também partem de seu universo familiar. (MONTE-MÓR, 2004, p.98-9)

Em busca do registro do real, esse tipo de documentário busca uma aproximação entre duas culturas completamente distintas. O jornalista tem o dever de inserção em uma realidade para que consiga transmitir, através de seu trabalho, uma realidade para seus espectadores que raramente teriam acesso a isso. O primeiro documentário da história, Nanook (1922), que mostra a vida de esquimós, é considerado um documentário etnográfico.

"[...] fazer-se aceitar pelas pessoas filmadas - com ou sem câmera - e em convencê-las da importância de colaborar tanto na realização do filme quanto no aprofundamento da pesquisa. Isso significa que a originalidade e o êxito da fase de inserção deve-se principalmente à qualidade moral e psicológica dos vínculos que venham a se estabelecer entre cineasta e pessoas filmadas." (FRANCE, 1998, p. 344)

A partir disso, a afirmação das duas autoras se completam e dependem uma da outra. Como o jornalista é uma ponte para a aproximação de duas realidades diferentes, ele tem que se comunicar com ambos os lados de forma que faça sentido e alcance êxito. Para que isso ocorra, existe um processo de imersão do pesquisador e de aceitação do "povo observado", e esse processo é baseado em criar um relacionamento com o entrevistado, não enxergá-lo apenas como uma fonte de informação, mas sim como um ser humano que vai ser a imagem geral de uma cultura para outra que não possui conhecimento sobre o tema. Então, quanto maior o relacionamento, maior a possibilidade do entrevistado sentir-se à vontade e mais perto da realidade daquela situação o jornalista chega.

1.3 JORNALISMO HUMANIZADO

O jornalismo humanizado não está preocupado apenas em noticiar, mas em proporcionar uma reflexão dos fenômenos sociais com base em uma percepção do meio e processo de significação do mesmo (ALVES; SEBRIAN, 2008).

O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. (p. 2)

Segundo Alves e Sebrian (2008), durante a Ditadura Militar no Brasil, a modernização dos veículos de comunicação estava sendo visada pelas empresas. Esse conceito - Novo Jornalismo - teve foi muito influenciado pelo *New Journalism* dos Estados Unidos, também conhecido hoje como Jornalismo Literário ou Jornalismo Narrativo. Ele é baseado na imersão do jornalista em uma realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos, digressão e humanização por meio da observação (IJUIM; SARDINHA, 2009).

A relação observação- observado-percebido, logo, depende ora do grau de congruência entre o sujeito- comunicador e o momento histórico social, ora da visão de mundo [repertório, cognitivo e sensorial] do comunicador, do nível de consciência sobre o fenômeno a ser narrado. (ALVES; SEBRIAN, 2008, p. 9)

Dessa forma, essa categoria do jornalismo não tem como foco a informação e os dados presentes na notícia, mas sim quem participa disso. Tem como essência a protagonização de pessoas com base em relatos, experiências e sentimentos das mesmas inseridos na informação de forma que seja o mais relevante, ou seja, humaniza a notícia.

2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

2.1 ESTILO E LINGUAGEM DA PEÇA

A escolha da peça para desenvolver o tema foi o documentário. Além de gostar e ser muito familiarizada com o âmbito audiovisual, acredito que foi a melhor forma de desenvolver o projeto. A mesclagem de imagem e som atendem o objetivo de inserir pessoas em um meio que, talvez, jamais seriam inseridas.

Como dito anteriormente, o viés jornalístico humanizado foi utilizado devido à abordagem escolhida. Por mais que a informação referente à moeda, seus objetivos e desenvolvimento seja um dos pilares mais importantes da peça, o impacto social na

comunidade e a forma com que isso será apresentado no documentário foi prioridade. Mesclei a informação trazida por uma especialista no assunto com a experiência de uma das primeiras moradoras a obter o cartão Nova Paraisópolis para conseguir esse equilíbrio.

Isso nos leva à etnografia, mais um pilar essencial do projeto, que o deixa cada vez mais próximo da intenção final por trás do documentário, por ter como principal objetivo acompanhar o impacto social de uma moeda recém instalada em uma das maiores favelas de São Paulo. Como mencionado no tópico 1.2.2, imergir em uma cultura distinta da que eu estou inserida, filmar o real e passar adiante para meu público foi um processo antropológico que caminhou com o audiovisual desde o princípio. A escolha da música e nome do documentário também são provas disso. Quando estava em Paraisópolis prestava muita atenção em cada detalhe. Desde o que e como as pessoas falavam, até em que tipo de som ouvia para tentar reproduzir ao máximo na pós-produção. Eram muitos sons ao mesmo tempo. Construção, motor de moto, vozes e a cada esquina um gênero de música diferente que tocava. Por isso, nas imagens que abrem o documentário, optei por deixar o som ambiente. Quero que quem estiver assistindo tenha a sensação de estar em Paraisópolis. A música "Placo", do Rincon Sapiência, foi escolhida como trilha porque uma das minhas fontes me indicou, já que gostava muito. Achei que combinou perfeitamente com minha abordagem. E o nome "Nova Paraisópolis - o dinheiro que quebra barreiras" foi criado a partir da fala inspiradora de uma outra fonte, que diz que o cartão foi uma quebra de barreiras para a favela.

O filme documentário foi, como base, expositivo. Com ele, minha intenção foi informar sobre a existência das moedas comunitárias, como são produzidas e introduzidas com foco no impacto social das aplicações e implicações dentro de uma comunidade. Porém, alguns trechos têm características participativas e poéticas. Mostrei um pouco dessa experiência com a captação de imagens características a partir do meu olhar inserido na cultura e no cotidiano da comunidade e, além disso, apresentei com um viés poético alguns fragmentos para ligar uma informação com outra e não ficar exaustivo de se assistir.

No início me deparei com um empecilho: a captação de imagens. Não podia andar com a câmera e gravar em qualquer lugar. Mas, quanto mais eu ia para a favela, mais meu olhar se adaptava e aprimorava com o cenário e acredito que consegui aproveitar todos os locais e captações que pude fazer.

Escolhi não usar narração no documentário para que não ficasse parecido com um VT de televisão. Mesclei as entrevistas para que as falas se complementassem e formassem uma narrativa estruturada. O trabalho de edição das falas foi pensado de uma forma que fosse rico em informações, mas não exclusivamente técnicas. O objetivo é que qualquer pessoa entenda o conceito da moeda sem ficar com dúvida.

Utilizei o conhecimento e técnicas adquiridos durante o curso para apurar as informações, escolher as melhores fontes e fazer as perguntas mais relevantes. O posicionamento de câmeras e captura das imagens também foi pensado para fazer parte da narrativa. Cada imagem e ângulo juntamente com a sonora do entrevistado têm um porquê e conta uma história.

2.2 FONTES

Com relação às fontes, entrevistei a especialista e representante da empresa Mais Fácil, Julia Soares. No documentário, ela foi responsável pela parte técnica e explicação do projeto do cartão de crédito. Foi essencial para que o público entenda os conceitos e objetivos.

Já o idealizador do projeto comunitário, do banco de Paraisópolis e presidente da associação de moradores, Gilson Rodrigues, têm como função a inserção no cenário da comunidade. Ele ofereceu mais detalhes sobre as aplicações e implicações, funções e disfunções da moeda na favela.

Também falei com coordenadores de três projetos sociais da favela. Mônica, Paulo e Adriana que coordenam o ballet, orquestra e time de rugby de Paraisópolis, respectivamente, contribuíram com relatos que inspiram e mostram que há vida em Paraisópolis e que os projetos funcionam e agregam na vida de centenas de pessoas.

Por fim, Gisele, moradora da região, teve o papel de ilustrar a realidade vivida. Exibir a experiência em forma de breves relatos, além de contar o processo técnico a partir da visão de uma pessoa leiga no assunto. Isso foi indispensável para enriquecer a matéria.

Uma das maiores dificuldades foi conseguir uma fonte para chegar até Paraisópolis. E, depois que consegui, a espera da resposta e do agendamento por conta da incompatibilidade de horários também não foi fácil. Como é necessário que alguém te acompanhe quando você está em Paraisópolis para fazer um trabalho, tive que esperar uma produção que já estava acontecendo ser finalizada para começar a minha. Mas, depois que o primeiro contato foi feito e estabelecido, tudo fluiu muito

bem. Renata e Marquinhos me ajudaram e me guiaram em tudo o que precisei, foram minha ponte.

2.3 EQUIPE

A composição da equipe de produção se iniciou com um colega de trabalho, Wellington Gouveia, mais conhecido como Bip. Ele me forneceu o contato da Renata, uma das primeiras pessoas que me ajudou e me apresentou muitos lugares e pessoas em Paraisópolis, ponto chave para a minha imersão. Logo em seguida, ela me apresentou para o Marquinhos. Ele me acompanhou em todos os dias de gravação, me levou em todos os lugares, me apresentou ainda mais gente e me guiou pela favela. Conte também com a ajuda de amigas que me acompanharam e auxiliaram em algumas gravações e viagens até a periferia da Zona Oeste de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste documentário possibilitou, principalmente, uma realização pessoal. Desde que comecei a cursar jornalismo, alimentei uma vontade de me envolver e realizar projetos sociais através da minha profissão. Além disso, sempre quis que meu trabalho de conclusão de curso abordasse um tema que fosse novidade para muita gente. E, depois de toda a experiência, pude ver que a maioria das pessoas que vivem no mesmo ambiente social que eu não sabia da existência das moedas comunitárias.

Acredito que fazer um documentário foi a melhor escolha que atendeu meus objetivos, principalmente o de provocar reações em quem vai assistir. No meu ponto de vista, consegui apresentar o impacto social já está sendo causado em Paraisópolis pelo cartão de crédito de uma forma ainda melhor do que estava planejando. Até porque, na fase do planejamento da peça, ainda não sabia com quem ia encontrar e se minhas fontes apoiariam e abraçariam a causa do meu trabalho.

Durante a produção e as gravações, consegui trazer para a peça as três principais entrevistas, que mesclam muito bem o olhar técnico, visionário e usual da moeda. A composição das falas foi muito bem dosada e editada para transmitir a informação de uma forma leve, sem vocabulário científico, para que não ficasse segmentado e qualquer pessoa conseguisse entender. Além disso, ao trazer os projetos e muitas imagens do cotidiano da favela, abordei o viés etnográfico, que era

o foco para ilustrar a importância da moeda para as pessoas da comunidade, e com isso respondi minha pergunta problema.

Como futura jornalista, me sinto feliz. Estou orgulhosa do trabalho que é o primeiro para pontapé da minha carreira profissional. Como já estou inserida no mercado e trabalho com jornalismo puro, convivo com os prazeres e desprazeres da profissão. Confesso que não é fácil. Mas, maior do que isso, é conseguir enxergar esperança e novos desafios todos os dias. É uma carreira linda que me faz querer conhecer de tudo um pouco, viver algo novo todos os dias e agregar na vida das pessoas. E, a realização deste projeto, me fez ter mais certeza que o Jornalismo é a escolha certa para mim.

A principal coisa que aprendi com a realização deste trabalho foi que não existe regra ou forma certa de produzir, desde que não seja anti-ético. Inovar e improvisar é positivo em alguns momentos. É preciso pensar “fora da caixinha” para que a pauta saia do formato tradicional e se torne algo mais atrativo. Assim, certas coisas que fugiram do controle podem agregar mais do que esperado.

A moeda comunitária em si é incrível! Eu também não sabia da sua existência até começar a estudar um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso. Quando descobri e comecei o processo de apuração, fiquei cada vez mais apaixonada e não quis abrir mão do tema mesmo sabendo das dificuldades que ia enfrentar. O que me fez ir até o fim com o projeto foi a vontade de mostrar a existência das moedas para muito mais gente e provocar a mesma sensação que tive quando encontrei essa informação.

Espero que o documentário que produzi agregue na vida de outras pessoas assim como agregou na minha. Não só pelas informações que fornece, mas também pela mensagem que todos que fizeram parte quiseram passar. O cartão e a moeda foram idealizados e produzidos como um dos inúmeros projetos que existem com a finalidade de melhorar o local e a vida de quem faz parte dele, uma vez que são minorizados pela sociedade. E as iniciativas têm dado certo graças a resistência, vontade e esperança por um futuro melhor.

Encerro este processo feliz com o resultado. Realizada por ter conseguido alcançar meu objetivo, ultrapassar as dificuldades sabendo lidar com elas e o mais importante: sentir que dei voz e cumpri com meu papel de trazer informação e novidade sobre um assunto tão relevante.

Minha vontade, a partir do resultado que consegui alcançar, é expandir a pesquisa. Estudar e conhecer mais comunidades pelo Brasil que já tem ou que pretendem ter sua moeda social. Como são muitas, é possível aprofundar consideravelmente o estudo, podendo transformar em uma série de documentários, reportagens ou livros.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALENCAR, Vagner de; BELAZI, Bruna. **Cidade do Paraíso: há vida na maior favela de São Paulo.** São Paulo: Primavera Edu, 2013. 176 p.

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **JORNALISMO HUMANIZADO: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico.** 2008. 15 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Congresso, Universidade Estadual do Centro-oeste, Guarapuava, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0540-1.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2018.

ANGROSINO, Michael et al. **Etnografia e observação participante.** São Paulo: Artmed, 2009. 134 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=sIUfqvzo3Q8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=etnografia+definição&ots=QQq2Ot_Su3&sig=o8SIZ1eeqHXYzZYjLXw3mXL9H44#v=onepage&q=etnografia%20definição&f=false>. Acesso em: 3 out. 2018.

BÚRIGO, Fábio Luiz. **Moeda social e a circulação das riquezas na economia solidária.** 2011. 21 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<http://lemate.paginas.ufsc.br/files/2016/06/Moeda-social-e-a-circulação-das-riquezas-na-economia-solidária.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018.____

FREIRE, Marcius. **Documentário: Ética, estética, e formas de representação.** Campinas: Annablume, 2012. 314 p.

FREIRE, Marusa Vasconcelos. **Moedas Sociais: Contributo em prol de um marco legal e regulatório para as moedas sociais circulantes locais no Brasil.** 2011. 374 f. Tese (Doutorado) - Curso de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://www.lse.ac.uk/collections/law/news/pdfdocs/MOEDAS%20SOCIAIS%20-%20SETEMBRO%205%202011.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e Antropologia.** Unicamp: Unicamp, 1998.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: Um outro cinema.** Campinas: Papirus, 2011.

GUZMÁN, Patricio. **Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários.** Brasil: Edições Sesc, 2017. 288 p.

IJUIM, Jorge Kanehide; SARDINHA, Antonio Carlos. **Algumas meias verdade sobre a narrativa jornalística e a busca por um jornalismo humanizado.** 2009. 22 f. Tese

(Doutorado) - Curso de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/858/909>>. Acesso em: 3 out. 2018.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real**: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LÚCIA, Carmém. **História de São Paulo**: Paraisópolis. 2016. Disponível em: <<http://oquevidomundo.com/historia-de-sao-paulo-paraisopolis/>>. Acesso em: 05 out. 2018.

MONTE-MÓR, Patrícia. Tendências do documentário etnográfico. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org.). **Documentário no Brasil**: Tradição e transformação. São Paulo: Summus Editorial, 2004. p. 98-99. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=IjEpFW503P4C&oi=fnd&pg=PA7&dq=documentário+etnográfico&ots=Va gBqmxakL&sig=XFBicxZshZYMx_JzBwSdx dE3NNg#v=onepage&q=documentário%20etnográfico&f=false>. Acesso em: 02 out. 2018.

MOURA, Pedro Marcondes de. **Paraisópolis**: 74% dos moradores com emprego fixo trabalham no Morumbi. 2017. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/paraisopolis-morumbi/>>. Acesso em: 05 out. 2018.

NASCIMENTO, Eros Phillipe Costa Claro do. **Moedas sociais digitais**: Estudo de caso de duas experiências em bancos comunitários. 2015. 263 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/13607>>. Acesso em: 11 set. 2018.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2001. 275 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=cbXPfI5YGm0C&oi=fnd&pg=PA11&dq=documentário+expositivo&ots=b4 6atx_- w5&sig=BLqJ7Ha4le8Nd0DcwZV7JbB_7V8#v=onepage&q=documentário%20expositivo&f=false>. Acesso em: 01 out. 2018.

RIGO, Ariádne Scalfoni. **Moedas Sociais e Bancos Comunitários no Brasil**: Aplicações e implicações, teorias e práticas. 2014. 366 f. Tese (Doutorado) - Curso de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em:

<[http://w2.files.scire.net.br/atrio/ufba-npga-](http://w2.files.scire.net.br/atrio/ufba-npga-ppga_upl/THESIS/110/aridne_scafolni.pdf)

[ppga_upl/THESIS/110/aridne_scafolni.pdf](http://w2.files.scire.net.br/atrio/ufba-npga-ppga_upl/THESIS/110/aridne_scafolni.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2018.

SEGUNDO, João Joaquim de Melo Neto. **Bancos Comunitários**. 2009. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/bancos-comunitarios/>>. Acesso em: 11 set. 2018.


APÊNDICE I - AUTORIZAÇÕES DE IMAGEM**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, Adriana Maria de Souza, portador da Cédula de Identidade nº 30225491-2, inscrito no CPF sob nº 30335804814, residente à Rua Pavane de Itapetinga, nº 726, na cidade de São Paulo, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a seguir discriminado: Trabalho de conclusão de curso sobre o impacto social da moeda comunitária de Paraisópolis realizado pela aluna Dominique Prata de Oliveira Santana e orientado pelo Prof. Ms. Hugo de Almeida Harris.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

São Paulo, 28 de maio de 2019.


Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Gilson Rodrigues, portador da Cédula de Identidade nº 54.929384-2, inscrito no CPF sob nº 323.273.208-85, residente à Rua DR. JOSÉ AUGUSTO S-SILVA, nº 81 PARAISÓPOLIS, na cidade de SÃO PAULO, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a seguir discriminado: Trabalho de conclusão de curso sobre o impacto social da moeda comunitária de Paraisópolis realizado pela aluna Dominique Prata de Oliveira Santana e orientado pelo Prof. Ms. Hugo de Almeida Harris.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

São Paulo, 23 de ABRIL de 2019.



Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Giule Ferreira de Souza, portador da Cédula de Identidade nº 44.940.004-9, inscrito no CPF sob nº 344.126.218-20, residente à Rua Ernest Ruman, nº 102, na cidade de São Paulo, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a seguir discriminado: Trabalho de conclusão de curso sobre o impacto social da moeda comunitária de Paraisópolis realizado pela aluna Dominique Prata de Oliveira Santana e orientado pelo Prof. Ms. Hugo de Almeida Harris.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

São Paulo, 09 de Setembro de 2019.

Giule Ferreira de Souza

Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Julio Duzgo Ozorio Soares, portador da Cédula de Identidade nº 36928171955, inscrito no CPF sob nº 459986867, residente à Rua Oliver Quimaraes, nº 150, na cidade de São Paulo, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a seguir discriminado: Trabalho de conclusão de curso sobre o impacto social da moeda comunitária de Paraisópolis realizado pela aluna Dominique Prata de Oliveira Santana e orientado pelo Prof. Ms. Hugo de Almeida Harris.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

São Paulo, 1 de Julho de 2019.

Julio Duzgo Soares
Assinatura

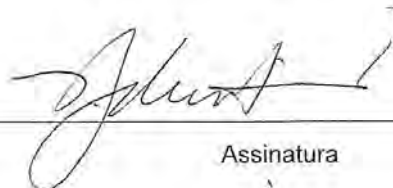
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Paulo Eduardo de M. Rydlewski, portador da Cédula de Identidade nº 9.040.858-1 inscrito no CPF sob nº 006.201.168-54, residente à Rua das Franjas, nº 524, na cidade de Cotia, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a seguir discriminado: Trabalho de conclusão de curso sobre o impacto social da moeda comunitária de Paraisópolis realizado pela aluna Dominique Prata de Oliveira Santana e orientado pelo Prof. Ms. Hugo de Almeida Harris.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

São Paulo, 05 de julho de 2019.



Assinatura

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Tales Eduardo Navarro, portador da Cédula de Identidade nº 41.229.772-3, inscrito no CPF sob nº 350.017.368-82, residente à Rua Av. Lavinha Campos, nº 580, na cidade de São Paulo - SP, AUTORIZO o uso de minha imagem e voz (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação no projeto da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a seguir discriminado: Trabalho de conclusão de curso sobre o impacto social da moeda comunitária de Paraisópolis realizado pela aluna Dominique Prata de Oliveira Santana e orientado pelo Prof. Ms. Hugo de Almeida Harris.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

São Paulo, 05 de junho de 2019.



Assinatura

